

- ⁴ SHEPHARD, R.J.(1996). **Habitual physical activity and quality of life**. Quest, v.48, p.354- 365, 1996.
- ⁵ BARROS, M.V.G. & JÚNIOR, J.C. DE F. **Atividade física como fator de saúde e qualidade de vida**. Revista do Simpósio nordestino da atividade física e saúde. p.14 -22.1999.
- ⁶ NAHAS, M.V. (1999). Qualidade de vida : muda o índice de desenvolvimento humano da ONU. **Boletim do NUPAF/UFSC**. (Disponível no CDS/UFSC).
- ⁷ PIERON, M. **Qualidade de vida e o estilo de vida dos jovens**. Revista Artus de educação física e desportos. Edição especial. v.13, n. 1, p.30. 1997.
- ⁸ BARROS, M.V.G. & JÚNIOR, J.C. DE F. **Atividade física como fator de saúde e qualidade de vida**. Revista do Simpósio nordestino da atividade física e saúde. p.14 -22.1999.
- ⁹ NABEIRO, M. Atividade física e qualidade de vida do portador de deficiência. **Anais do 1º Congresso brasileiro de atividade física e saúde e 7º Simpósio de pesquisa em educação física**. p.19-21.1997.
- ¹⁰ SOUZA, P.A. (1994). **O esporte na paraplegia e tetraplegia**. Rio de Janeiro: Koogan.
- ¹¹ ADAMS,R.C., DANIEL,A.N., CUBBIN, J.A.MC & RULMAN LEE.(1985). **Jogos, esportes e exercícios físicos para o deficiente físico**. (Max, A.G.tradução) São Paulo: Manole Ltda
- ¹² FARINATTI, P. T. V. & MONTEIRO, W.D. (1992). **Fisiologia e avaliação funcional**. Rio de Janeiro: Sprint.
- ¹³ DIEESE. Departamento Intersindical de Estatísticas Sócio Econômicas. Disponível em: www.dieese.org.br,1999.
- ¹⁴ GAPLAN (1998). Gabinete do Planejamento de Florianópolis. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/perfil_de_florianopolis/demografia.html.
- ¹⁵ IBGE (1998). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Disponível em: www.ibge.gov.br.
- ¹⁶ SMITH, L.K. (1994). **Fisioterapia neurológica**. (Ribeiro, L.B.,trad.) São Paulo: Manole Ltda.
- ¹⁷ WINNICK, Joseph P.(1998). **Educação física adaptada e esportes** (Hartmann, B. & Schinaiders, M.,trad.).Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- ¹⁸ ZUCHETTO, A. T. Atividade motora adaptada. **Anais do 1º Congresso brasileiro de atividade física e saúde e 7º Simpósio de pesquisa em educação física**. p. 39. 1997.
- ¹⁹ NETO, F.C. Atividade física e qualidade de vida do portador de deficiência. **Anais do 1º Congresso brasileiro de atividade física e saúde e 7º Simpósio de pesquisa em educação física**.p.43.1997.
- ²⁰ MC ARDLE, W.D., KATCH, F. I. & KATCH, V.L. (1992). **Fisiologia do exercício. Energia, nutrição e desempenho humano**. Rio de Janeiro: Guanabara Coogan.
- ²¹ SHARKEY, B.J. **Condicionamento físico e saúde**. (1998). Porto Alegre: ArtMed.
- ²² COOPER, K. (1978). **Método Cooper. Aptidão Física em qualquer idade**. Rio de Janeiro: Entrelivros cultural.
- ²³ CARLOS SILVA, A. Atleta portador de deficiência. In N. Ghorayeb & T. Barros (orgs). **O exercício. Preparação fisiológica, avaliação médica: aspectos especiais e preventivos**. (p. 321-334). São Paulo: Atheneu,1999.
- ²⁴ DIAS DA SILVA, M.A.Exercício e qualidade de vida. In N. Ghorayeb & T. Barros (orgs). **O exercício. Preparação fisiológica, avaliação médica: aspectos especiais e preventivos**. (p. 261-265). São Paulo: Atheneu,1999.
- ²⁵ SAMULSKI, D. & LUSTOSA, L. A. **A importância da atividade física para a saúde e a qualidade de vida**. Revista Arthus de educação física e desportos, v.17,n.1 p.60-70, 1996.
- ²⁶ MARINS, J.C.B. & GIANNICHI, (1999). **Avaliação e prescrição de atividade física. Guia prático**. (1999). Rio de Janeiro: Shape.

The contributions of the physical activities for the quality of life of the physical handicapped

Abstract

The main purpose of this study was to analyze the contribution of physical activity on the quality of life of the physical handicapped. An exploratory descriptive case study. The subjects were 18 male, participants of physical activity programs at CEFID/UDESC e CDS/UFSC, ages between 15 and 44 years old. As a data collecting tool, a 30 question questionnaire was descriptively analyzed, most of the interviewed (72%) acquired the handycap on the after birth period, being Polio the main cause (38%), followed by brain-palsy and medular injury, (28%). Few of neighborhoods they live at offer leisure or sports oportunities (39%). Still, it has been found that most of them have a healthy lifestyle. Basketball and swimming are the favorite sports. Most of them (55%) take on the fysical activity programs 3 times a week for 1 or 1:30hs. Strengthening of muscle, better endurance, social integration and overall wellness were listed as main contribution of sports. They enphatize the importance of physical activity in enhancing they Q. ofL.

Keywords: Quality of life; physical handicapped

Las Contribuciones de las atividades físicas para la calidad de vida del deficiente físico

Resumen

Este estudio tenido como el objetivo analiza las contribuciones de las actividades físicas para la calidad de vida del deficiente físico. Se caracterizó como descriptivo exploratorio, del tipo estudio de caso. La muestra se constituyó de 18 (dieciocho) el varón de los asuntos, deficiente físico, los participantes de programas regulares de actividades físicas desarrollaron en CEFID/UDESC y CDS/UFSC, con el grupo etario entre 15 (quince) y 44 (cuarenta cuatro) años. Como el instrumento de colección de datos una encuesta se usó de que, se analizaron 30 asuntos el descriptivamente. La mayoría del interviewees, (72%), los adquirieron la deficiencia en el periodo polvo-nativo, tiende como la causa principal la poliomieltitis, (38%), siguiendo para la Parálisis Cerebral y Lesão Medular, ambos con 28%. pocas comunidades dónde viven, (39%), ellos ofrecen las oportunidades deportivas y de ocio. Fue verificado que casi todos tienen un estilo de vida saludable. El baloncesto y nadar son los deportes favoritos. La mayoría, (55%) logra las actividades físicas una la 3 veces por semana, usándose de 1:00 a 1:00 30m, un día. Ellos dieron énfasis al invigoration de la musculatura; la mejora de la resistencia física; la promoción de la integración social y del bienestar general, como las contribuciones principales del deporte. Ellos todavía destacan, ese logran las actividades físicas porque ellos consideran importantes, mientras dando énfasis a que éstos mejoran la calidad de vida de todos.

Palabras-claves: Atividade Física; La calidad de Vida; Deficiente Físico.

“Vivemos num mundo diferente”: reflexões acerca da corporeidade das crianças e dos adolescentes em situação de rua

RAUBER, Andrea¹; JAEGER, Angelita Alice².

Resumo

Este estudo buscou, através da aparência, sentimentos, ações e expressões corporais evidenciadas, compreender a corporeidade das crianças e dos adolescentes em situação de rua. Fizeram parte do estudo, aproximadamente, 50 crianças e adolescentes em situação de rua, que participavam do projeto “Esporte Educacional Comunitário: uma ação para a cidadania”, em 1999, e do projeto “Se essa rua fosse minha...”, em 2000, assim como crianças e adolescentes que se encontravam no centro da cidade de Santa Maria. Sendo uma pesquisa etnográfica, utilizou-se observações participantes e conversas informais como meios para compreender a totalidade do estudo, sendo estas relatadas minuciosamente em um diário de campo. Constatou-se que a corporeidade das crianças e adolescentes em situação de rua é um resultado dos contingentes sociais, que perpassam a ideia de que, por não possuírem um conhecimento científico, são inferiores, gerando corpos oprimidos e disciplinados; mas também demonstram que são sujeitos que tentam resistir, não se deixar vencer pelas leis sociais padronizadas, que, ao contrário de vê-las na sua singularidade, acaba excluindo-as.

Palavras-chaves: Corporeidade, crianças e adolescentes em situação de rua, lei da rua.

Introdução

O êxodo rural, os baixos salários e as altas taxas de natalidade são alguns fatores responsáveis pelo empobrecimento da população brasileira, o que provoca o analfabetismo, a marginalização e o aumento da violência. Tal realidade produz uma sociedade onde a pobreza provoca a desintegração familiar e a necessidade de crianças e de adolescentes trabalharem para auxiliar na renda familiar. Esses elementos, na vida de uma criança, a afastam do meio escolar e familiar, aproximando-a do contexto da rua e da marginalização.

Esta vivência cotidiana na rua confere às crianças e adolescentes, que fazem dela o seu espaço de sobrevivência, um conjunto de comportamentos característicos de um grupo humano, sendo essas práticas cotidianas adquiridas através de um processo de aprendizagem e transmitidas ao conjunto de seus membros, constituindo-se em uma cultura que lhes é própria.

Uma das possibilidades de identificação cultural dá-se através da linguagem corporal, visto que o corpo se constitui em um dos primeiros e principais contatos do homem com a sua cultura. Nesse sentido, apesar da significação do corpo na existência humana não se encontrar bem definida,

¹ Especialista em Ensino e Pesquisa do Movimento Humano – PPGCMH/UFSM

² Profª Ms. Curso de Educação Física: Licenciatura Plena – CEFD/UFSM

Endereço: Centro de Educação Física e Desportos - UFSM - Campus Universitario - Camobi - Santa Maria/RS - CEP 97105-900.

percebe-se haver, atualmente, uma maior preocupação em seu desvelamento, buscando compreender os pressupostos sociais resultantes de determinada visão de corpo, que interferem diretamente em cada indivíduo, grupo ou na sociedade como um todo.

O conceito de corporeidade tornou-se melhor esclarecido a partir da realização de leituras de obras publicadas por Silvino Santin. Esse autor, no decorrer de suas publicações, construiu o conceito de corporeidade, partindo dos tipos de compreensões de corpo que se encontram difundidas e suas relações com os valores perpassados por determinada concepção de corpo, para posteriormente elaborar classificações de tipos de corporeidades, reformulados em trabalhos subseqüentes, chegando a idéias das arquiteturas corporais.

Em “Perspectivas na Visão da Corporeidade”⁹, um dos capítulos do livro intitulado “Educação Física e Desportos: Perspectivas para o Século XXI”, esclarece melhor a questão da corporeidade, definindo dois tipos de corporeidades: a *corporeidade disciplinada*, que é uma conseqüência da compreensão de corpo como parte secundária do ser humano, onde, através da exaltação da racionalidade, estabelecem-se regras disciplinadoras, com vistas à capacitação do corpo, úteis como ferramentas de trabalho, e a docilizar as energias do corpo, tornando-se corpos submissos à ordem social. Em contrapartida, a *corporeidade cultuada e cultivada, vivida no cotidiano*, é apresentada pelo autor como uma saída para a superação da visão do fatalismo, ultrapassando a concepção de que a realidade não pode ser modificada, sendo assim necessário um repensar da realidade corporal humana, buscando uma corporeidade humana que considere a sensibilidade afetiva, as emoções e os sentimentos, locais onde esta se manifesta.

Em relação aos rumos que a corporeidade está tomando atualmente¹¹, apresenta a idéia de que existe uma infinidade de corporeidades criadas, moldadas segundo valores socioculturais e também como estruturas vivas. Muitas vezes, a dimensão humana, o corpo vivido, existencial, não é levada em consideração, sendo criada uma cultura racionalizada, onde o corpo torna-se fruto da artificialidade técnica, sendo banalizado¹². Nesse contexto, o igual se torna o desejável, onde o corpo é transformado para ser favorável à exploração do capital, base para a criação de uma cultura da aparência e sua conseqüente homogeneização.

Ao salientar que o homem é seu corpo e que, quando age no mundo, age como uma unidade⁵, defende a compreensão de um corpo vivido, pois, no que diz respeito às suas relações, “o que marca o humano são as relações dialéticas entre esse corpo, essa alma e o mundo, no qual se manifestam, relações que transformam o corpo humano numa corporeidade, ou seja, numa unidade expressiva da existência”.

Para que compreendamos a corporeidade de cada grupo, além de conceitos anteriormente construídos por teóricos, faz-se necessário que esta seja complementada pela observação das imagens de corpo que são construídas no imaginário social, uma vez que essas determinam a vivência corporal, a sua dimensão humana, sendo integrante de uma classe social, encontrando-se inserido nas relações histórico-sociais de seu meio, e como um indivíduo singular, um ser único e capaz de testemunhar sua própria existência.

Faz-se assim necessário compreender também as relações que os grupos estabelecem com o mundo, através de uma corporeidade corporal, vivente, cultuada e cultivada em cada contexto social, não deixando de levar em conta as interferências dos contingentes sociais sobre cada corporeidade pessoal, uma vez que, através de suas normas e padronizações, almejam a docilização e submissão desses corpos para a sua exploração, de acordo com interesses de grupos dominantes. Com a exaltação da racionalidade, onde o corpo possui valor subalterno, cria-se a idéia de que os corpos, que não possuem uma razão desenvolvida, valem quase nada, sendo úteis somente quando se tornam ferramentas de trabalho, para a utilização e benefício de poucos ou da ordem econômica, que se encontra nas mãos das classes dominantes.

Neste sentido, buscou-se, através da aparência, sentimentos, ações, falas e expressões corporais evidenciadas, desvelar a corporeidade das crianças e dos adolescentes em situação de rua, da cidade de Santa Maria.

Metodologia

Este estudo caracterizou-se como etnográfico, de caráter qualitativo, metodologia considerada necessária quando se acredita que o objeto da investigação não é algo inerte, mas sim possuidor de significados e relações, que sujeitos concretos criam em suas ações.

Fizeram parte do estudo, aproximadamente, 50 crianças e adolescentes em situação de rua, entre 7 e 18 anos, que participaram dos projetos “Esporte Educacional Comunitário: uma ação para a cidadania” (ano de 1999) e “Se essa rua fosse minha...” (em 2000), ou que se encontravam no centro da cidade de Santa Maria, realizando trabalhos de baixa remuneração, pedindo esmolas, perambulando ou mesmo cometendo pequenos furtos para poder sobreviver. Assim a investigação foi realizada no decorrer de dois anos (1999 e 2000), quando da minha participação de bolsista e coordenadora dos respectivos projetos citados acima. A fim de que se preservasse a identidade dessas crianças e adolescentes, pois são relatadas várias situações referentes a suas vidas, optou-se por não identificá-las pelo nome, definindo-as por nomes fictícios.

A escolha por investigar a corporeidade das crianças e adolescentes em situação de rua, participantes dos projetos acima citados deu-se devido às características de intensa mobilidade pelas ruas, praças, bares e restaurantes do centro da cidade, bem como a desconfiança ou indiferença que essa população demonstra, quando da aproximação de pessoas que não fazem parte de seu grupo, sendo que, com as crianças e adolescentes que participaram do projeto, já se conseguiu o reconhecimento como professora, assim como o estabelecimento de vínculos de confiança e respeito, o que favoreceu a realização das observações participantes e principalmente dos diálogos com os mesmos.

Utilizou-se observações participantes e conversas informais junto às crianças e adolescentes em situação de rua como forma de coletar as informações desejadas, que foram anotadas minuciosamente em um diário de campo, buscando favorecer a descrição fiel dos acontecimentos e a qualidade e riqueza do estudo, dados estes que, permeados pelas reflexões e interpretações da pesquisadora, serviram para a realização de comentários críticos sobre as situações evidenciadas, contribuindo assim para desvelar a totalidade da situação de estudo.

Apresentação e discussão dos resultados

A corporeidade das crianças e adolescentes em situação de rua

Percebe-se atualmente que as relações com a corporeidade refletem o sentimento de inadequação, perplexidade e descorporalização do homem contemporâneo e traz em si o irracionalismo, presente em todas as instâncias da vida humana⁶. Essa inadequação é uma decorrência do poder disciplinador que a maior parte da população encontra-se subjugada, uma vez que, para que não se “revolem”, mas se acomodem, torna-se necessário a disciplinarização de seus corpos, o que, geralmente, é reforçado pelo espaço subalterno que o corpo apresenta em relação à mente, ao intelecto.

A disciplinarização do corpo torna-se uma forma de dominação sobre a sociedade como um todo, fazendo assim com que quem não se molde aos padrões estipulados pela cultura dominante seja considerado inferior, sendo colocado à margem da sociedade ou visto como passível de ser “civilizado”. Para que essa ideologia de corpo, de homem e de sociedade seja consagrada, indiscutível entre os membros que dela fazem parte, incute-se a idéia de que o corpo deve ser controlado, domesticado pela parte intelectual, que, por sua vez, torna-se o patamar máximo do desenvolvimento do homem. Além disso, outro aspecto que favorece essa repressão do corpo diz respeito a sua padronização, havendo um modelo consagrado por cada sociedade, favorável à sua homogeneização, onde o diferente é considerado como inferior, sem valor.

Nesse sentido, tanto a supervalorização do intelecto sobre a corporeidade em si, que deveria levar em conta todas as dimensões do homem e não somente uma de suas partes, como a visualização do corpo no que se refere ao aspecto estético, de aparência, acabam fragmentando o ser humano, não levando em conta a sua totalidade, mas apenas dimensões que, ao contrário de favorecer o enriquecimento do homem, oprime-o, o que pode ser mais facilmente alcançado pela repressão e padronização corporal.

No que diz respeito ao padrão de beleza imposto, em que é necessário ser consumidor de mercadorias, que possibilitem o seu enquadramento ao modelo consagrado pela sociedade capitalista, as crianças e adolescentes em situação de rua também sofrem a sua influência, buscando, de sua forma, quando possível, estar “na moda”, manter seus corpos “em forma” e utilizar roupas e acessórios valorizados no grupo. Apesar das dificuldades financeiras, essas crianças e adolescentes almejam, buscam alcançar alguns desses padrões: roupas, calçados e bonés “de marca” ou “da moda”. Essa necessidade de tentar seguir os padrões estipulados pelo padrão consumista acontece com maior frequência com os adolescentes.

No decorrer das observações participantes, verifiquei que, em geral, apesar de suas roupas serem bastante velhas, surradas (gastas) e sujas, quando podiam, usavam, compravam ou “descolavam” (furtavam ou ganhavam) dinheiro para comprar mercadorias com marcas famosas. A necessidade de o corpo estar “em forma” também se tornou evidente no decorrer da investigação, sendo os mais “gordinhos” tratados pelos colegas com brincadeiras pejorativas, referindo-se a não adequação ao padrão de beleza de nossa sociedade, o que foi evidenciado em várias situações, no decorrer das observações participantes.

Constatou-se ainda que os alunos, quando da passagem de pessoas do sexo feminino pelo parque onde eram realizados os jogos coletivos, ficavam observando e fazendo brincadeiras, buscando chamar a atenção dessas. Esse comportamento ocorria em relação às mulheres bonitas, com o corpo “em forma”, que lhes chamavam atenção e que deveriam, segundo eles, “não ter nada sobrando” e com o “corpo em cima”, padrões presentes na sociedade como um todo, onde há uma preocupação constante em “colocar” o que falta e “retirar” o que está sobrando.

Na modernidade, estabeleceu-se que as forças corporais deviam atender as necessidades para alcançar um bom desempenho intelectual. Nesse sentido, o corpo tornou-se uma peça fundamental para as atividades de produção, na medida que foi disciplinado para que seguisse as rígidas normas impostas pela razão instrumental. Em contrapartida, os grupos, que não adquiriram esse conhecimento científico, racional, acabam sendo excluídos da sociedade de que fazem parte, por não conseguirem prosseguir na caminhada escolar, que é privilegiada a poucos, nem possuem condições de “andarem na moda”, uma vez que, muitas vezes, nem sequer conseguem atender suas necessidades mais básicas, como alimentação, moradia, saúde, etc., acabam ficando fora dos padrões estipulados pela sociedade capitalista, consumidora e produtiva.

Cria-se assim uma discrepância ao que é consagrado pela sociedade em geral como um padrão a ser seguido e as reais condições de vida em que a maioria da população brasileira subsiste. As relações sociais estabelecidas, a partir de uma dinâmica social, possuem um caráter excludente, não oferecendo condições igualitárias de progressão para todos no aspecto educacional formal, nem possibilidades iguais de adquirirem os bens de consumo, produtos que produzem imaginários que, disseminados pelas propagandas publicitárias, representam que cada pessoa faz parte de determinada classe social, possuindo determinado status social.

As crianças e adolescentes em situação de rua, por não conseguirem alcançar e seguir esses padrões, não possuindo o conhecimento da língua “cultura” e de conhecimentos científicos, valorizados em nossa sociedade capitalista, são considerados “inferiores” por essa sociedade padronizadora e excludente. Essa sociedade perpassa a idéia de que os cidadãos, para que não fiquem à sua margem, devem ser disciplinados a seguir as normas e os valores cultuados por essa sociedade, o que, geralmente, não diz respeito à cultura das classes populares, mas de uma minoria dominante, que as usa como forma de controle social.

Em relação à valorização exclusiva do saber formal, não se levando em conta o saber cotidiano, pode-se exemplificar esse caráter através da fala de um dos alunos que, em uma das aulas, realizadas no projeto “Se essa rua fosse minha...”, ao ser solicitado a se manifestar em relação ao tema “respeito”, ressaltou:

O que vocês querem saber o que eu penso, eu sou burro. O que vocês querem saber o que pensamos se é vocês que estudaram. Vivemos num mundo diferente (Ivo, 18 anos).

Falamos na questão de que todos possuem conhecimentos e que quem mais poderia saber da realidade em que se encontravam eram eles mesmos, além de que deveriam se unir para lutar por seus direitos. Ele somente respondeu indignado:

Que direitos, somos excluídos; vou trabalhar guardando carros, eles me tocam; vou roubar, me mandam para a FEBEM. Que alternativas eu tenho, se eu não pude estudar? (Ivo, 18 anos).

Pode-se constatar que a escola é considerada pelos adolescentes como importante para as suas vidas, mas que, de uma forma geral, da forma como está estruturada, não permite que pessoas, que não atingem o padrão homogeneizador da sociedade, consigam prosseguir até escalas mais elevadas de escolaridade. Assim, para esses adolescentes, constrói-se a idéia de que somente quem tem estudo é quem sabe, onde seus conhecimentos não possuem valor. Ocorre assim uma descrença quanto à capacidade de que podem, em algum trabalho ou atividade, que requeira defender a sua posição, realizá-lo com sucesso, o que ocorre devido a constante história de insucessos que eles enfrentam, na medida que são cerceados em seus direitos mais básicos, transformando-se assim em um corpo oprimido, que não acredita na possibilidade de mudança das condições em que se encontram.

Percebe-se, nas falas das crianças e adolescentes em situação de rua, que as instituições encarregadas de favorecer o seu aprendizado, em relação a sua alfabetização e formação profissional e pessoal, não são percebidas por muitas crianças e adolescentes como prioridades em suas vidas.

Ao referir-se à Escola, ressaltam que:

Na escola a gente perde tempo. É bom para quem tem o que comer, que não precisa se preocupar (Sérgio, 14 anos).

Não gosto, pois a comida é ruim e o pão mofado (Fernanda, 14 anos).

Muitos, principalmente as crianças, não percebem assim a real importância da escola como lugar de formação educacional e aquisição de conhecimentos, necessários ao seu futuro profissional, sendo concebida muitas vezes apenas como um lugar onde se pode conseguir algo para comer. A maioria das crianças e adolescentes, com quem mantive contato, não estuda mais, principalmente os adolescentes, que começaram a estudar, mas desistiram nos primeiros anos escolares. Algumas crianças, que permanecem na rua durante o dia, ainda estudam, entretanto grande parte se encontra defasada quanto à série que deveria estar cursando.

As crianças vão para as ruas porque precisam ajudar os pais; acabam recebendo trocados ou vendendo mercadorias, porque as pessoas sentem pena. Mas, quando se tornam adolescentes, as pessoas já não compram as suas mercadorias nem lhes dão dinheiro, ficam sem alternativas que não seja realizar trabalhos de baixíssima remuneração ou o furto, por não terem qualificação para

exercer em um trabalho que supra com suas necessidades de subsistência, pois alguns nunca foram à escola e muitos acabaram desistindo no percurso escolar. A maioria dos adolescentes, que participam das aulas do projeto “Se essa rua fosse minha...”, não possui um trabalho fixo, fazendo biscates, “descolando” (conseguindo) um trabalho aqui ou ali, cuidando carros depois que os rapazes credenciados da Zona azul, que são pagos e devem estudar um turno, saem do “ponto” (do local onde trabalham).

Assim, quando, em uma das aulas, foram questionados sobre o que eles gostariam de fazer, no que gostariam de trabalhar, as crianças citaram diversas profissões como bombeiro, que foi ressaltado pelo Jonas (9 anos) e policial, pelo Tadeu (8 anos). Ao perguntarmos porque ele gostaria de ser policial, ele respondeu que era para prender os bandidos. Verifica-se aqui, que na medida que eles sofrem as represálias da polícia, estes, tendo o poder, a lei do seu lado, almejam serem os dominadores, serem importantes frente à sociedade. Os adolescentes, por sua vez, em princípio, não responderam ou fizeram brincadeiras. O Gustavo (18 anos) queria ser o Bill Gates, mas a maioria dos adolescentes não quis ou não soube responder. Fica-nos evidente que, com o avanço da idade, a população que vive no espaço da rua possui sonhos em relação a uma profissão, mas acabam perdendo a esperança em exercê-la, o que é decorrente da constante situação de perda que enfrentam e a falta de alternativas de escolha.

Não possuindo as possibilidades necessárias para seguir os padrões que a sociedade exige para tornarem-se cidadãos, essas crianças e adolescentes são excluídas constantemente, sendo deixadas à margem da sociedade por não poderem atender às exigências impostas a seus “cidadãos”. Essa padronização, que é incessantemente buscada através da exaltação da racionalidade, tem por finalidade atender às necessidades e interesses de grupos minoritários, defendendo o estabelecimento de uma determinada ordem social e cultural.

Nesse sentido, a disciplina torna-se peça chave na docilização e instrumentalização dos corpos, pois fabrica corpos submissos e exercitados para o desempenho de tarefas específicas que auxiliem a mente e a ordem social. Os corpos disciplinados tomam-se aptidões e capacidades a serem utilizadas para as eventualidades determinadas pelas instâncias do poder⁹.

A visão da sociedade em geral sobre a necessidade de disciplinarização, pode ser exemplificada na opinião de vigilantes e funcionários, que trabalham no local da realização das aulas desenvolvidas pelo projeto “Se essa rua fosse minha...”. Estes consideram ser necessário para a “educação” das crianças e adolescentes em situação de rua um maior rigor, disciplina e controle sobre eles, para que se contentem, se acomodem, se resignem com a sua situação, não se tornando um “perigo”.

Quando um de nossos alunos, antes do início das aulas, por não poder utilizar os banheiros daquele estabelecimento público, urinou próximo a este, um dos vigilantes, exaltado, falou:

Esse moleque não tem educação. Para melhorar, tem que ser recolhido, trabalhar e “levar pau” para ver se melhora.

Evidencia-se nesse relato a importância da disciplina na repressão do corpo, sendo alcançado com confinamento, trabalho e castigo. Assim o corpo é um dos primeiros locais onde se pode imprimir determinados valores, sendo uma presença, uma experiência concreta, onde estes valores são muitas vezes incorporados inconscientemente.

No decorrer do desenvolvimento das aulas propostas pelo projeto “Se essa rua fosse minha...”, bem como em minhas observações quanto ao andamento deste trabalho de pesquisa, constatei o quanto as crianças e os adolescentes em situação de rua são excluídos e marginalizados, o que pode-se verificar tanto em seus relatos, nas suas expressões, quanto nas marcas presentes em seus corpos.

Expressões e situações verificadas contra as crianças e adolescentes em situação de rua evidenciam como muitos moradores do local onde são realizadas as aulas discriminam as crianças e adolescentes em situação de rua.

“*Acha que está na vila?*”, expressão utilizada por um morador ao ver um dos meninos subindo na tela de proteção de uma quadra esportiva.

“*Eles estão acostumados a ficar no sol*”, frase dita por um rapaz que estava jogando voleibol, para não precisar sair da quadra que possuía sombra, reservada para a realização de nossas aulas.

As crianças e adolescentes em situação de rua não são bem vindas na opinião de funcionários que trabalham no local das aulas, nem mesmo por moradores das redondezas, sendo considerados um perigo para as suas vidas, a seus bens e à ordem naquele espaço da cidade. A sociedade em que vivemos é gestada em um longo processo de formação ideologicamente à ordem⁴, reprimindo as manifestações “anormais” e recompensando as “normais”. Evidencia-se aí a noção de etnocentrismo, onde o outro é visto como inferior, não sendo considerado pela sua singularidade e diferença, mas pela sua desigualdade.

As crianças e adolescentes em situação de rua, em relação ao que é passado como padrão pela sociedade capitalista, necessitam viver na diferença, criando uma cultura própria, peculiar, pois, à medida que vão permanecendo mais tempo no espaço da rua, acabam incorporando, em maior ou menor intensidade, os valores que norteiam a dinâmica da rua, que, por sua vez, apesar de ser atrativa, por trás dessa aparente liberdade, é extremamente violenta, visto que o estilo de vida que estes possuem não condiz com os padrões determinados pela sociedade dita correta, sendo considerados somente “homens de bem” os que se enquadram em suas normas, consumidores e produtivos.

Essas crianças e adolescentes acabam criando uma cultura de resistência, com códigos e padrões específicos do grupo, que se pauta no conhecimento concreto, na expressão corporal e na desconfiança. Nesse sentido, em seu cotidiano, mas principalmente quando ocorrem desentendimentos, muitas vezes, o diálogo não se faz presente, visto que sobrevive quem não demonstra fraqueza, sendo necessário a utilização de agressões para se defender. Essa negação do diálogo começa a ser perpetuada a partir dos exemplos em suas casas, onde os pais, dificilmente dialogam com seus filhos, ocorrendo xingamentos e agressões.

A violência, na grande maioria dos casos tem o seu início dentro da família, onde os filhos presenciam muitas vezes suas mães serem agredidas por maridos ou companheiros embriagados, e, mais tarde, estes mesmos filhos reproduzem estas ações⁷.

Para se defenderem, essas crianças e adolescentes adquirem certos mecanismos de defesa, mostrando-se apreensivas, desconfiadas ou indiferentes quando da aproximação de pessoas que não fazem parte de seu grupo, de policiais e integrantes do Conselho Tutelar da cidade. Andam em grupo, que geralmente possui um líder, que, na maioria das situações, é o mais velho e mais forte. Omitem seus nomes ou contam histórias não verdadeiras, tentando assim despistar sobre o conhecimento de aspectos pessoais de suas vidas. Quando desconfiados, se retraem, como que buscando se proteger de algum perigo, o que ocorre principalmente com as crianças.

Evidencia-se assim que suas existências estão pautadas em valores, normas, que são distintos da sociedade como um todo, mas, nesta diversidade, onde a alteridade deve ser um aspecto importante na relação estabelecida entre os sujeitos da pesquisa e a pesquisadora, a corporeidade está presente em toda a sua intensidade. A diversidade social humana, em parte vista como nossa imensa riqueza, é, ao mesmo tempo, o grande desafio, visto que o diferente é condição de risco e perigo. Cabe assim pensarmos e refletirmos sobre as diferenças existentes, levando em conta o contexto social que as crianças e adolescentes em situação de rua se encontram, vendo-as como sujeitos produtores e construtores de suas histórias, mas também como resultados dos condicionantes sociais que regem sobre eles sua influência.

O estabelecimento de uma cultura própria para as crianças e adolescentes em situação de rua acontece ao longo da convivência diária no mundo da rua, tendo no próprio corpo humano um emissor que transmite para o outro uma mensagem, seja de forma consciente ou não, servindo como um meio imediato de comunicação⁷.

Pode-se perceber que, em geral, compreende-se o corpo do ser humano reduzindo-o a seu aspecto biológico, o que, na verdade, constitui-se apenas em uma das instâncias da corporeidade, pois a corporeidade é mais do que a existência biológica, é manifestação, expressão, intencionalidade, caracterizando o humano no homem¹⁰. A capacidade que o corpo possui de absorver experiências e construir a realidade a partir das vivências afirmando que, mesmo quando o corpo é submetido aos sistemas disciplinares, que tolhem os gestos, que “selam marcas e tatuam regras”, ele ainda assim consegue comunicar-se através das possibilidades diversas de expressão da corporeidade. “Ocorrem frestas no exercício desse poder disciplinar, que incitam a transgressão, a opção por outros caminhos, outros olhares, outros saberes”¹³ (p.398).

As crianças e adolescentes em situação de rua como foco de pesquisa, além de seu corpo marcado, violentado, sujo, remete-nos ao encontro da corporeidade vivida e expressa de maneira singular, mas não menos intensa. Assim, torna-se necessário, ao tentarmos compreender a corporeidade das crianças e adolescentes em situação de rua, além das normas e padrões sociais hegemônicos, introduzirmos em seu cotidiano, buscando desvelar a corporeidade vivida, entendendo cada corpo como inserido em um contexto específico, reprodutor, mas, ao mesmo tempo, construtor de sua história individual e como grupo, não sendo vistos como inferiores, em defasagem ao que é socialmente consagrado, mas como corpos que são resultados das relações que estes estabelecem consigo mesmo, com o outro e com o mundo circundante.

A vida nas ruas instrumentaliza para viver e sobreviver, resultando em diferentes interatividades que marcam suas vidas, elaborando determinadas formas de compreensão e visões de mundo. No espaço da rua, as crianças estabelecem um modo de ser e de pensar as coisas a sua volta diferentemente do que é sancionado e aceito por todos; forma-se uma cultura própria, sendo seguida pelos grupos que interagem nesse espaço.

A criança marginalizada constrói sua identidade em um mundo permeado por mecanismos estigmatizadores e de exclusão². Ao tentar seguir as regras ditadas pela “norma” social, que busca incorporar, os fatos emergentes em seu dia-a-dia destroem estas regras e é então necessário construir outras.

A cultura, a lei social estabelecida, pretende regrá-los com suas normas, excluindo-os, mas, ao mesmo tempo tenta pegá-los, julga-os, como se a sua fosse a única lei válida. Entretanto, a população, que permanece no mundo da rua, constrói um código próprio, pois, é porque conhece as práticas da lei social, porque sofre suas conseqüências, que constrói outra lei, na qual se aventura dia a dia... Desobediência, transgressão à lei social e, concomitantemente, obediência à própria lei: a lei da rua³ (p.94).

Tal situação foi constatada quando presenciei uma briga entre o grupo, que participava das aulas do projeto, e outro grupo da rua. Após uma briga com outro grupo, que foi dispersado pelo aparecimento de um rapaz com um machado, o grupo que participava de nossas aulas se reuniu para ver o que iriam fazer. Estavam muito agitados e queriam ir atrás dos integrantes do outro grupo. Ressaltamos que deveria “deixar para lá” e participar da aula, entretanto um dos rapazes ressaltou:

*Se a gente não bate, a gente morre. Nós que fizemos a lei
(Evandro, 17 anos).*

Assim, a lei social estabelecida, que pretende reger essas crianças e adolescentes, mas que, ao mesmo tempo, acaba excluindo-os, torna-se vazia de conteúdo, sendo necessário um código próprio, o que, pela fala acima relatada, está intimamente ligada a questão de relações que não expressem fraqueza, insegurança, mas sim força, coragem e astúcia, características necessárias para suplantarem as dificuldades encontradas na rua.

Os grupos que permanecem no espaço da rua criam assim como que uma sociedade própria, regida por regras e normas particulares, se tornando, aos olhos da sociedade em geral, numa sociedade

inconsciente e transgressora, uma forma de resistência aos valores perpassados pela sociedade hegemônica.

As marcas nos seus corpos são consideradas vitórias, na medida que evidenciam que estes superaram a morte. Assim, ferimentos causados em situações perigosas fazem parte de sua história, evidenciando que este venceu a morte, que, apesar de carregar marcas, cicatrizes pelo corpo, são fortes e ágeis e que vão lutar para superar os riscos presentes na dinâmica da rua. Essas marcas expressam assim atitudes de resistência às normas da sociedade hegemônica, que tenta subjugar-los, “domesticá-los”: acabam assim criando leis próprias; mas também transparecem marcas de fracasso, onde essas crianças e adolescentes incorporam a idéia de que são inferiores, de que são incapazes de possuírem um conhecimento válido à sociedade como um todo.

A resistência e o fracasso se incorporam aos sujeitos e permeiam atitudes de submissão e rebeldia, não apenas no cotidiano escolar, mas principalmente no dia-a-dia construído nas ruas, nas vilas, na tentativa de não ser marginal, vivendo em meio à marginalidade, de não ser violento, sendo violentado em casa, na escola e na vida (Diegues, 1994).

A rua brutaliza a sensibilidade das crianças e adolescentes que nela vivem. Bater, apanhar, fumar, cheirar, são atos de heroísmo e resistência, criando um corpo resistente, mas que, nessas fortalezas, sofrem danos que marcam esses corpos. O Carlos (18 anos), com enormes cicatrizes em seu corpo, que mora em casas abandonadas sem nenhuma higiene, o Tadeu (8 anos) dormindo em caixas de papelão e andando com roupas rasgadas e sem calçados, estando completamente sujo, sem nenhuma noção de higiene. Outros marcados por doenças adquiridas na rua: o Lucas (16 anos) que perdera um pulmão por inalar cola e que, atualmente, está na UTI de um hospital em um estado de saúde considerado crítico por complicações devido o incessante uso de entorpecentes. Essas privações, onde muitas vezes não possuem algo para comer, se aquecer ou mesmo um local aconchegante para dormir, sem falar nas violências sofridas, acabam brutalizando seus corpos, sendo necessário, para viver na rua, a não demonstração de fraqueza e sensibilidade, caso contrário pode acarretar em conseqüências para suas vidas, podendo ser subjugados mais facilmente.

Esclarece³ que, a partir dessas carências, acabam inventando uma nova vida, construindo-se, descobrindo-se nas ausências constantes, acarretando “a não obediência para com a família, para com o controle, para com as autoridades... o mundo do mesmo, a cultura”. Em relação as suas famílias, muitos não mantêm bom relacionamento com o pai, outros nem chegaram a conhecê-lo, sendo que, muitas vezes, ao se desentenderem com os padrastos, são criados por parentes, vivem nas ruas ou já passaram pela FEBEM. Essas situações instáveis em que geralmente suas famílias se encontram geram inúmeros conflitos, criando nessas crianças e adolescentes sentimentos de mágoa e desafeto com relação a seus familiares.

Por estarem nas ruas, não tendo assim o cuidado materno, as crianças se apegam muito às professoras. Querem sempre manifestações de carinho, chegam abraçando e beijando. O Tadeu (8 anos), por exemplo, chegou para uma das professoras do projeto e perguntou se ela era casada. Como a resposta foi afirmativa, ele exclamou entusiasmado: “Então, a senhora pode me adotar”.

Os companheiros da rua, para estas crianças e adolescentes, são vistos como amigos, irmãos, família solidária, em que as pessoas sofrem juntas e se ajudam mutuamente. Mas é, sobretudo, como uma forma de proteção que o grupo é compreendido, pois, em grupo, torna-se mais difícil sofrerem atos de violência. No decorrer das minhas observações, constatei que as crianças e adolescentes, que fazem da rua o seu espaço de sobrevivência, fazem parte de grupos, geralmente tendo como líder uma pessoa com mais idade, força e voz ativa no grupo, sendo que as crianças, muitas vezes, a mando dos

adolescentes e adultos, roubam em troca de drogas ou de algo para comer, além da proteção em situações que necessitem de auxílio.

Mas, apesar dessa hierarquia, onde as crianças geralmente devem seguir as ordens dos maiores para pertencerem a determinado grupo, observei que, quando algum dos componentes de um grupo possui algo que possa ser dividido, como refrigerante, cigarro, alimentos em geral, drogas, etc., este é distribuído para o seu grupo.

O sentido de família é transferido para a turma da rua, que assume funções a ela associadas, tais como aconchego, segurança e proteção¹. Nesse sentido, verificou-se que alguns adolescentes intitulavam-se como “pais” de crianças, sendo estes mandados a realizar tarefas em troca de proteção e da segurança no grupo.

Essas crianças e adolescentes vivem em um espaço onde a possibilidade de ocorrer alguma agressão contra eles é freqüente. Para poder sobreviver nesse contexto, que ao mesmo tempo que é atrativo, devido a percepção de uma falsa liberdade, é também perigoso, as crianças e adolescentes em situação de rua, de um modo geral, movimentam-se de uma forma ágil, correndo, desviando-se de obstáculos que porventura encontram-se em seus caminhos e equilibrando-se em muros.

As meninas, como uma forma de proteção aos perigos presentes na rua, vestem-se de forma semelhante aos meninos, com jeans, camiseta ou casaco. Mas, em alguns casos, verificou-se o uso de roupas mais femininas como saias, vestidos justos e blusas de alças por algumas meninas, sendo estas vítimas, muitas vezes, de assédio, visto que este tipo de vestimenta acaba despertando um interesse maior dos rapazes. Essa mudança na forma de vestir dá-se com o avanço da idade.

Pode-se perceber que a imagem de malandro apresentada pelas crianças e adolescentes em situação de rua identifica-os como grupo, regido por regras próprias, sendo o resultado de condições adversas e incertas que enfrentam, pensando e tentando atender as necessidades do presente, onde “dá-se um jeito”, vivendo o “aqui e o agora”. Pensam no hoje; assim, dificilmente guardam dinheiro ou comida para os próximos dias, uma vez que, segundo eles, “*não se sabe se vai estar vivo amanhã*”.

Em relação aos entorpecentes utilizados pelas crianças e adolescentes em situação de rua, observou-se que os mesmos são uma constante em suas vidas, indo do loló (mistura de produtos como solvente, esmalte, cola de sapateiro, etc.) a produtos mais elaborados. Quando questionados acerca dos motivos que os levavam a usar esse tipo de substância, a maioria afirmou que, quando estavam “viajando” (reações em que a pessoa fica dispersa, sob o efeito da utilização de algum tipo de droga), não sentiam tanto frio, acalmavam a fome ou, como César (18 anos) nos relatou, “*não sentia nojo em comer comida do lixo*”. Sem falar que, quando utilizam “drogas”, esqueciam de seus problemas, de suas feridas ou da incerteza de suas vidas.

As crianças e adolescentes em situação de rua, para evitar o sofrimento, buscam a satisfação, antepondo o risco à prevenção³. Procuram alternativas com as quais possam resistir, sobreviver. Uma delas é a droga, que permite “desativar-se e descansar para voltar a ser ativo e sobreviver, que protege da fome e do frio...que faz sonhar o que não tem, de escapar”.

Essas crianças e adolescentes, ao entrarem no vício, dificilmente saem, pois para isso é necessário muita força de vontade, o que é dificultado devido as condições em que vivem, sem perspectivas de um futuro mais promissor. Acabam vendo nesses produtos uma fuga de “seu mundo oprimido”, sem se darem conta, que o estigma de serem “drogados” acaba excluindo-os ainda mais.

O corpo da criança e do adolescente que permanece na rua é um corpo utilitário, servindo para conseguirem o que comer, o que vestir, o que beber e o que inalar; é um corpo maltratado pelas condições precárias em que vivem, sendo alvo de inúmeras violências tanto físicas quanto morais; conseqüentemente as noções de higiene são negligenciadas, o que para a sociedade em geral parecem ser tão básicas: um banho, roupas limpas, cabelos penteados e limpos.

Quanto à questão dos cuidados que essas crianças e adolescentes dispensam a seus corpos, ficam condicionados à situação em que se encontram, se estão retornando à noite para suas casas, ou possuem algum abrigo, alguma casa em que pernoitam, ou se permanecem no espaço da rua. Quando

eles permanecem indefinidamente no ambiente da rua, ocorre uma grande dificuldade em relação ao seu asseio corporal, como banhos e limpeza de suas roupas, por não haver espaços adequados que possam ser utilizados para essa finalidade. A rua, nesses casos, constitui-se em seus lares.

A corporeidade das crianças e adolescentes em situação de rua está pautada em corpos utilitários e transgressores das normas sociais que os oprimem, para assim suplantar as adversidades encontradas em seu dia-a-dia, tornando-se uma forma de resistência aos padrões impostos pela sociedade capitalista, excludente e disciplinadora, apresentados por esta como hegemônicos.

Para viver e sobreviver no espaço da rua torna-se necessário ter um corpo forte, ágil e produtivo, que não demonstre fraqueza, para conseguir se defender e realizar trabalhos, que, geralmente, por não possuírem um conhecimento escolar, dizem respeito a atividades mais braçais, que requeiram força física; um corpo malandro, servindo como uma forma de identificação no grupo e como resultado da inconstância de suas vidas, pois vive-se o “aqui e o agora”, não havendo perspectivas de futuro; também corpos sujos e descuidados, por não possuírem alguém que lhes ensinasse as noções mais básicas, além do inconveniente de que muitas vezes não possuem um lugar para tomar um banho ou lavar suas roupas; sem falar em corpos “dopados” por entorpecentes, necessários para “acalmarem” a fome, a dor e o frio.

Conclusão

As crianças e adolescentes em situação de rua, como focos do estudo, em relação a sua corporeidade, podem ser vistos/compreendidos como resultado dos contingentes sociais, bem como das formas que essas crianças e adolescentes buscam para suplantar as dificuldades de seu cotidiano.

Em relação às crianças e adolescentes em situação de rua, percebe-se que essas, por não se adequarem ao padrão social, regulada pela lei social, são considerados “inferiores”, sendo oprimidos e tendo como consequência a sua marginalização. Essa visão acaba fazendo com que essas crianças e adolescentes incorporem a idéia de que são incapazes, não possuindo saberes que possuam algum valor para a sociedade como um todo, o que é perpassado pelos valores de nossa sociedade, visto que essa valoriza o saber formal, a racionalização e o saber científico como patamares máximos do desenvolvimento do homem.

Temos consciência da importância da educação formal para que crianças e adolescentes possuam perspectivas de um futuro melhor. Entretanto, questiona-se o porquê da supremacia do conhecimento sistematizado em detrimento de saberes cotidianos, que também possuem o seu valor. Pelo contrário, estes saberes deveriam ser aproveitados como uma alavanca, servindo de base para a sua aprendizagem, partindo assim do concreto, do conhecido para saberes mais abstratos e distantes de sua realidade, o que geralmente não acontece em nossa estrutura educacional, dificultando assim o aprendizado de crianças e adolescentes.

Assim, salienta-se a importância de não se negar a necessidade de que as crianças e adolescentes em situação de rua têm de prosseguir na caminhada escolar, mas sim de que sejam viabilizadas propostas que valorizem essas crianças e adolescentes, vendo-as como sujeitos possuidores de uma cultura que lhes é peculiar, capazes de lutar por seus direitos e por condições mais dignas de vida, o que somente pode ser alcançado com a consciência de como a sociedade excludente age sobre elas.

Acredito ser imprescindível que a sociedade, como um todo, reflita sobre a situação que milhares de crianças e adolescentes se encontram, seja no setor rural ou urbano, viabilizando programas que possibilitem uma melhoria de sua qualidade de vida, sendo que um primeiro passo nessa trajetória é o conhecimento de sua realidade, de sua cultura, enfim de seu mundo.

Tentando superar essa primeira perspectiva de compreensão de corpo, homem e mundo, imensamente valorizada em nossa sociedade, apresenta-se a importância de visualizarmos a corporeidade vivida pelas crianças e adolescentes em situação de rua, em toda a sua singularidade. Em

contrapartida à visão de corpo fragmentado, com ênfase no biológico e no intelectual, surge atualmente a idéia de que o homem é seu corpo, de forma unitária, sendo este corpo um meio imediato de comunicação e possuidor de inúmeros significados, linguagens estas presentes no social, no contexto em que os grupos encontram-se inseridos.

Nesse sentido, a corporeidade é vista como manifestação, expressão e intencionalidade humana, sendo cada gesto significativo, estando em íntima relação com o contexto social em que vivem. Assim, as crianças e adolescentes em situação de rua, apesar de serem constantemente excluídos e discriminados, por não seguirem as regras de nossa cultura disciplinadora, buscam nas frestas do poder disciplinar novas formas de viver, com olhares e saberes próprios; constroem uma cultura própria, baseada na transgressão à norma social imposta, à lei social, que se torna vazia de conteúdo por não atender nem mesmo as suas necessidades mais básicas.

Para poderem sobreviver em um mundo violento e excludente e resistir à insegurança e às constantes perdas presentes em seu cotidiano, além de que a rua acaba brutalizando a sensibilidade de quem dela faz o seu espaço de sobrevivência, as crianças e adolescentes em situação de rua vêem seus corpos como aquilo que pode ser visto e apreendido, de forma concreta, onde não devem demonstrar fraqueza, mas sim força, coragem e astúcia para não serem suplantados pelas dificuldades encontradas. São corpos utilitários, meios de se manterem vivos, buscar algo para comer, fumar ou beber, e corpos transgressores, na medida que necessitam viver na diferença, ir de encontro ao que é perpassado pela norma social.

As leis que regem a sociedade como um todo, mais especificamente o Estatuto da Criança e do Adolescente, devem ser respeitadas e realmente seguidas, pois leis não faltam para assegurar os direitos de crianças e adolescentes, mas, muitas vezes, estas somente ficam no papel, uma prova disso é a condição de milhares de crianças e adolescentes que necessitam ir para o espaço da rua buscar a sua sobrevivência, local inadequado ao seu pleno desenvolvimento, que deveria ser voltada à educação e ao lazer.

O papel da família, que é base na formação do cidadão segundo os padrões sociais vigentes, para as crianças e adolescentes em situação de rua, algumas vezes, é transferido para os companheiros da rua, que, apesar de apresentar uma hierarquia, onde os mais velhos geralmente mandam nas crianças, torna-se uma forma de proteção, companheirismo e aconchego.

Quanto à utilização de entorpecentes, o seu uso pelas crianças e pelos adolescentes em situação de rua acaba tornando-se um estigma, sendo vistos como irrecuperáveis, inadequados à vivência junto a outras crianças e adolescentes, tidas pela sociedade como “normais”. Entretanto, ao entrarmos em contato com o cotidiano dessas crianças e adolescentes, vislumbramos um mundo extremamente difícil, onde o corpo dopado serve para amenizar a fome, a dor, o frio e a incerteza presentes em suas vidas, uma fuga de seu mundo oprimido, bem como uma alternativa para conseguir resistir, não se deixando subjugar pelas normas repressoras. Nesse sentido, salienta-se a necessidade de haver programas mais veementes de combate à venda de entorpecentes, além de uma educação acerca dos malefícios que estas provocam, sem falar na indiscutível necessidade de viabilizar estratégias que assegurem os direitos dessas crianças e adolescentes, tanto em relação à educação, alimentação, lazer, convívio saudável com uma família que os proteja, etc., direitos esses assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, mas não respeitados em nossa sociedade.

Sabe-se o quanto o corpo e vestuários limpos são considerados importantes em nossa sociedade, como uma forma de manter a saúde e a status social. Entretanto, ao visualizarmos as crianças e adolescentes em situação de rua, com sua aparência descuidada, corpos marcados, sujos, doentes ou violentados, torna-se necessário compreendê-los em relação ao contexto em estes vivem, uma vez que os cuidados com seus corpos e vestuários estão intimamente ligados ao espaço em que estes pernoitam, se possuem um lugar para tomar um banho, lavar suas roupas, etc.

Assim, a corporeidade das crianças e adolescentes em situação de rua é um resultado dos contingentes sociais, que perpassam a idéia de que, por não possuírem um conhecimento científico, são inferiores, gerando corpos oprimidos e disciplinados a acreditar que são inferiores e incapazes;